

A LÍNGUA DO NEGRO DA COSTA

Um *pidgin* em Minas Gerais?*

Sônia Queiroz

Resumo

A Língua do Negro da Costa, falada em Bom Despacho (MG), se caracteriza, do ponto de vista funcional, pela intenção de ocultar conversas entre membros de comunidade da periferia, predominantemente negros, em situações de confronto com os brancos do centro da cidade: a expressão linguística de um rito profano que garante a um grupo marginal uma identidade étnico-cultural compensadora. Do ponto de vista formal, essa língua apresenta semelhanças com os crioulos e os *pidgins*, o que sugere a hipótese de que ela seja o resultado da evolução daquilo que Yeda Pessoa de Castro chamou "dialeto das senzalas".

Résumé

Parlée à Bom Despacho (Minas Gerais), la Langue du Noir de la Côte est caractérisée, sous le point de vue fonctionnel, par l'intention

d'ocultar des conversações entre les membros d'une communauté de banlieue, dans leur majorité noirs, dans des situations de confrontation avec les Blancs du centre ville: expression linguistique d'un rite profane qui garantit à un groupe marginalisé une identité ethnico-culturelle compensatrice. Sous le point de vue formel, cette langue présente des ressemblances. avec les créoles et les *pidgins*, c'est qui suggère l'hypothèse qu'elle constitue le résultat de l'évolution de ce que Yeda Pessoa de Castro a appelé le "dialecte des *senzalas*".

Lembro muito, lembro da Tabatinga no tempo que não tinha casa. Tinha lá um... umas cafua, umas coisas assim. E a gente ia lá buscar, buscar tabatinga. A tabatinga servia no lugar de cal, pra caiar casa, né? Essas casas pobres. A gente buscava lá (...). Daí o nome de Tabatinga.

Nicolau Leite¹

Quem chegava a Bom Despacho vindo de Pitangui pelo antigo caminho de terra encontrava à entrada da cidade, até meados deste século, um grupo de casinhas de capim espalhadas pelo morro de argila branca que veio a dar nome ao lugar. A Tabatinga era então um pequeno aglomerado de cafuas, habitadas predominantemente por negros e alguns poucos brancos. No alto do morro havia uma capela barroca e um cruzeiro. O caminho que se abriu da Tabatinga até ele recebeu o nome de Cruz do Monte.

Tabatinga e Cruz do Monte são duas ruas da periferia de Bom Despacho, pequena cidade do Oeste de Minas (30.000 habitantes, no Censo Demográfico de 1980), situada a 145 km da capital do Estado. É nessa região, especialmente na rua Tabatinga, que se concentram as duas centenas de falantes da Língua do Negro da Costa (a que vou me referir daqui por diante como LNC), uma mistura do português regional com línguas africanas do grupo banto, usada sobretudo como meio de ocultação de conversas. Para situações normais de comunicação, entre si e com os de fora, a língua utilizada é o português regional.

Essa linguagem é feita é por isso, que tem gente que num compreende ela. Às vez eu canto aqui ó: Deus Maria, Deus Maria, Nazaré, São José... a muié vizinha acha que eu tô falano mal dela. (...) Essa

language é bonita demais... ma é pra quem sabe, né?
Jesus Pinto, falante da Língua do Negro da Costa.

Neste trecho do depoimento de Jesus, percebe-se claramente que a utilização da língua se dá, em geral, em situações de confronto com não-falantes. A mulher vizinha, que, ao ouvi-lo cantar a música religiosa, se julga objeto de maledicência, personifica todos os não-falantes da LNC, os habitantes do centro da cidade, os brancos ricos, enfim, todos os não-integrantes da comunidade a que pertence Jesus.

Essa comunidade, constituída de habitantes da periferia, pobres e em sua maior parte negros, tem, evidentemente, muito o que falar dos moradores do centro da cidade. Afinal, trata-se dos patrões, herdeiros daqueles que, num passado não tão remoto, tiveram como escravos os antepassados da gente da Tabatinga e da Cruz do Monte.

Em outras palavras, a LNC, em sua função de código secreto, coloca em pauta conflitos sociais que remontam ao período da escravidão e encontram continuidade hoje, no sistema de produção capitalista, que reserva aos descendentes dos antigos escravos o lugar não tão diverso de operários, subempregados ou desempregados. De fato, segundo depoimentos de falantes sobre as origens da LNC, já no passado ela era utilizada para ocultar aos senhores a fala dos negros escravos, quando planejavam uma fuga ou trocavam informações sobre, por exemplo, onde encontrar alimento. Veja-se, a propósito, este trecho das anotações feitas por Cristina Pinheiro e Ângela Linhares sobre a LNC, em 1977:

Vocês sabem, né? vocês que já estudaram sobre isto sabem que eles passavam muita fome! E com essa língua eles podiam falar com os outros, mesmo frente aos patrões, sobre lugares onde podiam encontrar comida. Tinha rapadura ou queijo na casa sobrando? Tipura timberéia de orongômi²!

Isso traz alguma luz sobre o problema da classificação funcional da LNC. Uma questão fundamental que se coloca aos estudos das línguas africanas no Brasil é saber se aqui se teriam formado crioulos do tipo dos que existem na costa africana e nas ilhas de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. Ora, os crioulos situam-se entre as línguas mistas surgidas a partir da necessidade de comunicação entre indivíduos de línguas diferentes postos em contato através de relações comerciais. Em sua formação, está prevista uma fase de *pidgin*, em que esta língua só é usada na situação que motivou seu aparecimento. Com o passar do tempo e, evidentemente, dependendo das relações sociais entre os dois grupos lingüísticos, esse *pidgin* pode expandir seu uso para outras situações de vida dos

falantes, chegando a ser utilizado em toda e qualquer circunstância e tornando-se língua materna de um dos grupos. A esse estágio da língua é que se chama crioulo³.

No que diz respeito à função e às situações de fala, a LNC nada tem de crioulo, já que não é utilizada como instrumento da comunicação cotidiana, mas apenas em situações especiais, e não é língua materna de ninguém. Aliás, a transmissão da LNC não se dá de pai para filho, mas entre amigos, numa faixa etária entre 11 e 20 anos, ou seja, quando o indivíduo já domina totalmente a língua materna e começa a intensificar as relações fora da família.

É sobretudo em situações de lazer, em bares e festas, que ela é utilizada, diferentemente também dos *pidgins*, que surgem das relações de trabalho.

Do ponto de vista formal, os estudiosos dos contatos lingüísticos têm observado que tanto os *pidgins* quanto os crioulos são constituídos de léxico europeu e gramática predominantemente nativa, exatamente o oposto do que se verifica na LNC, cujos elementos africanos estão no léxico, enquanto a gramática é portuguesa. Por outro lado, a LNC, enquanto língua de uso restrito a determinadas circunstâncias, apresenta uma série de características comuns aos *pidgins*, quais sejam:

- vocabulário extremamente reduzido: 176 vocábulos, no meu levantamento;

- polissemia generalizada: através de analogias, as palavras adquirem novos significados a todo momento, criando-se vocábulos *passé-partout*, como o verbo *caxá*, que se presta às mais diversas significações;

- freqüente recurso à perífrase: a palavra *conjolo*, por exemplo, a partir da generalização de seu significado, de 'casa' para 'lugar', prestou-se, no meu levantamento, à formação de nada menos que 25 perífrases, entre as quais cito *conjolo de matuaba* 'bar' (lit. 'casa de bebida'), *conjolo dos viriango* 'cadeia' (lit. 'casa dos soldados') e *conjolo de granção* 'igreja' (lit. 'casa de Deus');

- redução das flexões: a flexão nominal de número, por exemplo, marca-se apenas no primeiro determinante, como se pode observar em *meus cambuá uarrufo* 'meus cachorros bravos';

- extrema variação fonética: para a palavra que significa, 'máquina', 'carro', por exemplo, registrei 7 variantes - *orum*, *orume*, *oruma*, *urum*, *urumo* e *uruma*.

Em síntese, vê-se que, se do ponto de vista funcional a LNC se encontra radicalmente distanciada do que seria um *pidgin* ou um crioulo, sob o aspecto formal ela em muito se aproxima deles. Isso sugere a hipótese de que ela venha a ser o resultado da evolução de um *pidgin* ou crioulo que teria existido efetivamente no período da escravidão.

A possibilidade de ter havido crioulos no Brasil é tema da dissertação de mestrado do Prof. Félix de Carvalho⁴, que, depois de discorrer sobre o processo de fixação da língua portuguesa no Brasil e expor as teorias sobre os crioulos, conclui pela inexistência desses falares no País. Admite, no entanto, a existência de *pidgins* durante a colonização. Segundo sua tese, esses *pidgins* não teriam evoluído para crioulos, porque "a nenhuma das três raças interessou preservar as modalidades lingüísticas resultantes dos primeiros contatos". Ao contrário, afirma, "Índios e negros, sobretudo os últimos, inclinaram-se em direção à cultura européia, assimilando os padrões de comportamento e a língua do colonizador"⁵. Isso se explicaria pelo fato de que "o ideal do negro era aproximar-se do branco, identificar-se com ele, assimilar seus padrões de cultura, especialmente sua língua e sua religião. Achavam eles que assim teriam mais possibilidade de ascenderem na escala social"⁶. O autor aponta ainda dois fatores que teriam impedido a formação de crioulos no Brasil: o enfraquecimento e a uniformização das culturas de origem dos africanos, resultantes da sua condição de escravos, e o seu contato íntimo com os brancos no trabalho doméstico, que teria facilitado o aprendizado do português⁷.

Com relação à existência de *pidgins* no Brasil, Félix de Carvalho não está só. Para Arthur Ramos⁸, houve duas "línguas gerais" de origem africana no Brasil: uma de base banto - mais especificamente quimbundo - e outra de base nagô - língua do grupo sudanês. Também Olabiyi Babalola Yai refere-se a esta última como "língua veicular" da comunidade negra da Bahia⁹. Aryon Dall'Igna Rodrigues entende que "uma ou outra se tornou língua franca entre membros de comunidades lingüisticamente heterogêneas"¹⁰. Para Rosa V.M.Silva, formaram-se vários *pidgins* em diversos pontos do País¹¹.

Yeda Pessoa de Castro também afirma a constituição, no Brasil colônia, de "falares de emergência" nascidos da necessidade de comunicação entre africanos de procedência diversa, num primeiro momento, e entre africanos e portugueses, num segundo momento. Forma-se, então, inicialmente, o que ela chamou "dialeto das senzalas" - mistura de diferentes línguas africanas em que pode ter havido predomínio da língua de maior prestígio social, que, a julgar pelas cifras do tráfego, seria o banto. A intensificação do contato entre negros e brancos, verificada sobretudo a partir do período mineratório, quando o negro é utilizado também no trabalho doméstico, teria gerado novas misturas: o "dialeto das minas", nas vilas de mineração, e o "dialeto rural", nas fazendas de gado¹².

Diferentemente de Félix de Carvalho, Yeda Pessoa de Castro acredita terem sido as semelhanças lingüísticas entre o português e algumas línguas africanas o principal fator a favorecer, com o tempo, o nivelamento desses *pidgins*

afro-portugueses e, em última instância, o seu desaparecimento como línguas de comunicação cotidiana, em favor do português. O desenvolvimento urbano que se segue à criação das vilas de mineração e a divulgação progressiva da educação formal são, ainda segundo Yeda P. de Castro, fatores externos que aceleram a imposição do português como língua de dominação econômica.

A partir de determinado momento, é, pois, da língua portuguesa que negros e brancos se utilizam nas comunicações cotidianas inter e intragrupais. Entretanto, no processo evolutivo do convívio lingüístico no Brasil, certamente houve períodos de extrema complexidade.

Para Maurizio Gnerre, teriam coexistido aqui comunidades lingüísticas caracterizadas pela variabilidade ou por um *continuum* lingüístico constituído por:

*1) falantes nativos de algumas línguas africanas (ewe, bantu), que podiam usar também a variedade regional do português, ou, talvez, alguma variedade lingüística mista; 2) 'crioulos', isto é, negros nascidos no Brasil, que não eram falantes nativos de nenhuma língua africana, mas que podiam falar e compreender alguma língua, ou 'meia língua', e falavam o português regional; 3) 'crioulos' que das línguas africanas só conheciam textos, ditados, frases soltas e léxico, sem chegar a dominar produtivamente nenhuma língua a não ser o português regional*¹³.

Essa grande diversidade lingüística, étnica e social dos negros no Brasil explica, segundo Gnerre, a fragilidade dos falares africanos no País:

*A história social parece apontar para uma contraposição entre grupos de escravos de diferentes nações e entre esses e os escravos crioulos, e, ainda, entre os escravos em geral e os negros livres. Esta característica de ausência de um pólo comum de definição de uma identidade única, por exemplo, de 'escravo' pode estar na base da diferenciação lingüística e do abandono dos falares não-portugueses*¹⁴.

Fenômenos como a LNC fazem supor que, por outro lado, alguns grupos de negros, certamente mais arraigados às suas tradições, teriam conservado o *pidgin* afro-português, ao lado de outras manifestações culturais que se mantêm até hoje entre nós (embora evidentemente alteradas pelo contato com os brancos ou índios), de que são exemplos, em Bom Despacho, a cestaria, no âmbito do artesanato, e as danças do Congado, no âmbito do

folclore. O cultivo dessas tradições deve estar ligado a elites negras, a que se referem, com certeza, expressões que aparecem em declarações colhidas na Tabatinga sobre a LNC: "Língua usada pelos *negros tradicionais antigos* do bairro Tabatinga", "gíria *tradicional* do povo da Tabatinga", "língua do tempo do *cativeiro*, falada pelos *antigos*" ou "inventada pelo *pessoal mais antigo* do bairro". A conservação do *pidgin* por essas elites culturais é determinada, ao que nos parece, por uma consciência negra desenvolvida por certos elementos de cor concentrados num mesmo espaço geográfico, como forma de resistência à dominação branca a que foram submetidos os pretos no Brasil.

Admitamos a formação de um *pidgin* na região de Bom Despacho. Desse *pidgin* à LNC teria havido uma série de transformações no que diz respeito à função reservada à língua nas relações sociais e, paralelamente, em aspectos de sua estrutura formal. Assim é que, servindo a princípio de instrumento de comunicação entre negros escravos, esse *pidgin* se constituiria unicamente de formas tomadas a língua africanas: ao ser utilizado, entretanto, também pelos senhores, em seus contatos com os escravos, ele teria passado a incorporar vocábulos e construções da língua portuguesa. O uso crescente desta língua por parte dos africanos e seus descendentes teria determinado uma evolução do *pidgin* no sentido de um distanciamento progressivo de suas origens africanas, a ponto de se transformar num português com léxico africanizado e flexões reduzidas ao mínimo indispensável para os fins da comunicação. Esse português relexificado e desflexionado seria a LNC.

Na medida, porém, em que os negros passam a dominar o português e a utilizá-lo em todas as situações de comunicação, os *pidgins* afro-portugueses vão perdendo sua razão de ser enquanto instrumentos da comunicação diária. Entretanto, pelo menos em núcleos de resistência cultural negra, essa perda não determina sua morte, mas uma mudança radical no seu papel social: eles passam, então, a servir para ocultar aos brancos conteúdos intercambiados pelos negros, a princípio provavelmente com propósitos práticos, como a troca de informações sobre onde encontrar comida ou sobre planos de fuga, já referidos aqui, e posteriormente com objetivos mais sutis.

Conhecidos e utilizados também pelos senhores, os *pidgins* afro-portugueses, para cumprir seu novo papel de código secreto, terão que sofrer alterações formais no sentido de perderem a transparência para os brancos. O recurso constante, ou até mesmo abusivo, à analogia e à perífrase serão os meios encontrados na própria estrutura do *pidgin* para resolver essa questão. O desinteresse dos brancos por esses falares, que já não lhes são úteis, desde que se tornou possível a comunicação

com os negros em português, teria contribuído para a sua evolução no sentido de se tornarem línguas de ocultação.

Com a queda do regime de escravidão e as conseqüentes mudanças nas relações sociais entre brancos e negros, o valor prático desses *pidgins* teria sido gradativamente substituído por um valor simbólico. Eles passam então a ser utilizados para marcar diferenças entre brancos e negros, atribuindo a esses últimos uma identidade enquanto grupo étnico-cultural.

Mais do que o conteúdo veiculado entre os negros passa a interessar o fato de que os brancos não têm acesso a ele. No confronto que aí se estabelece, o negro se coloca, portanto, não mais como o grupo totalmente despojado de seus valores, mas como senhor de uma cultura diversa da do branco e inacessível a ele. O vocabulário africano garante aos negros, através da impermeabilidade da língua, o *status* de estrangeiros, que os distingue positivamente, compensando a situação de marginalidade em que sempre viveram, a princípio como escravos e hoje como subempregados ou desempregados.

Essa interpretação que adotei aqui foi proposta por Peter Fry e colaboradores, em seus estudos sobre o mesmo fenômeno na comunidade de Cafundó, no estado de São Paulo:

Tudo se passa como se, por uma espécie de mecanismo compensatório, fosse criado um espaço mítico no interior da situação de degradação econômica e social, característica da história das populações negras no Brasil, espaço no qual seria possível uma como que renovação ritual de uma certa identidade perdida. (...) Reconhecendo as origens africanas da 'língua', os brancos da vizinhança que tendem a ver a gente do Cafundó como 'vagabundo' são também obrigados a atribuir-lhes uma certa importância enquanto falantes dessa estranha linguagem¹⁵.

A LNC, como a do Cafundó, seria, pois, o resultado da evolução de um *pidgin* em dois sentidos: por um lado, temos um "aportuguesamento gramatical", que já tomou completamente a fonologia, a morfologia e a sintaxe; por outro lado, temos uma "africanização lexical". Essas alterações formais teriam acompanhado mudanças funcionais que transformaram um instrumento de comunicação cotidiana em um código secreto, tendo como objetivo atualizar, para seus falantes, um passado remoto, uma África mítica em que os indivíduos negros eram livres, donos de seu espaço de terra, do trabalho, do seu destino, afinal.

Otto Jespersen faz referência a casos semelhantes, como a língua usada pelos *todas*, na Índia meridional, quando diante de *bagadás* ou de *tâmis*, para que só sejam compreendidos por

seus companheiros. No seu entender, essas "línguas artificiais de ocultação podem surgir sempre que um grupo, pequeno ou grande, de pessoas tenha interesse em falar de modo que as demais não compreendam o que dizem. Há todo tipo de razões para esse segredo, e a extensão em que se desenvolve esse processo de ocultação pode variar consideravelmente. Uma palavra ou sinal mutuamente convencionado pode dar origem a uma linguagem secreta"¹⁶.

Sobre as formas dessas línguas, Jespersen observa que as mais comuns são aquelas usadas nas brincadeiras infantis, em que se intercalam na palavra determinadas sílabas. "As formas mais difíceis dessas línguas de ocultação", continua, "são produzidas quando, em lugar de se modificarem as palavras correntes lançando mão de um único recurso, se inventam palavras novas ou tomam-se de empréstimo vocábulos de línguas que os vizinhos desconhecem"¹⁷.

Neste último caso se enquadraria a LNC, certamente. Entretanto, chamá-la "língua de ocultação" parece-me enfatizar excessivamente seu caráter de código secreto, colocando-a ao lado de ocorrências de outro grau de complexidade, como as línguas usadas em jogos infantis, a exemplo da "língua do pé", tão comum entre as crianças brasileiras.

A LNC se aproxima muito mais do que Vendryes chamou "língua especial": "uma língua que só é empregada por grupos de indivíduos que se encontram em circunstâncias especiais"¹⁸. Entre as línguas especiais, Vendryes incluiu os jargões técnicos, as línguas litúrgicas e as gírias, em sentido restrito e em sentido lato. "Algumas dessas línguas especiais", observa,

são línguas diferentes da língua ordinária. Assim o latim utilizado por muito tem'o pelos cientistas em suas relações internacionais. Eles escolheram como língua especial para se comunicar com outros estudiosos uma língua morta: nossos padres fazem o mesmo para se dirigir a Deus. O sânscrito, uma outra língua morta, continua sendo, na Índia, a língua dos pânditas, ou seja, dos letrados"¹⁹.

Vendryes explica o uso de uma língua especial entre cientistas pela necessidade de comunicação das idéias em países de línguas diversas. Quanto ao uso litúrgico de uma língua diferente daquela do dia-a-dia, entende que reflete a obediência à tradição e, acima de tudo, a necessidade de distinguir o sagrado do profano.

Mas as línguas especiais se definem não só por se distinguirem da língua corrente, mas também por servirem "de comunicação mais ou menos secreta a um número restrito de indivíduos"²⁰. Não é outra coisa que, na sua linguagem, dizem Jesus e Zé Baiano²¹ a propósito da LNC:

Porque se eu dizê assim um cureio, a senhora num entende o que que é cureio, entende? A senhora num sabe. O cureio qué dizê eu quero amuçá com meus companheiro. Vai a senhora num entende. Se eu pedi um copo d'água eu falo: omem, omenha. A senhora num entende. Se eu dizê assim o camberelo, a senhora num entende, entende? Carne.

Jesus Pinto

Cê compreendeu cumé que é, né? Se ocê falá que é pa fazê, ai cê já tá contano que é pa fazê. Al são, é pa caxá pa injira po cureio. Al nego fica indeciso. Fala: Ah, injira de que jeito? Num entendi essa não.

Zé Baiano

Ainda segundo Vendryes, as línguas especiais têm em comum o fato "de serem especiais com relação a uma mesma língua; e quando se examina a formação, verifica-se que elas procedem de uma mesma tendência, que consiste em adaptar a língua às funções do grupo que a emprega"²². Assim, os jargões profissionais ligam-se ao trabalho, bem como até certa medida as gírias, que se relacionam também a outras "artes", entre as quais se incluem o roubo e a mendicância, ao passo que as línguas litúrgicas ligam-se a cultos religiosos. Acrescentaria, ainda, lançando mão da terminologia de Peter Fry e colaboradores, as "línguas rituais"²³, relacionada a ritos profanos.

A LNC estaria, portanto, entre as línguas especiais. Partilha com a gíria o fato de funcionar como sinal diacrítico que marca o grupo de negros da Tabatinga por oposição aos brancos do centro da cidade. Aliás, por alguns de seus falantes, ela é também chamada de *gíria dos cativero* ou simplesmente *gíria*. Com as línguas litúrgicas, a LNC divide a função ritual, que atualiza para esses negros a sua identidade africana, através da tradição lingüística.

Fenômenos como a LNC e o Cafundó são, enfim, evidências de que "as mudanças de estrutura social se traduzem por mudanças de estrutura lingüística", como já observava Meillet em 1906²⁴. E de que essa correlação se verifica não só nas sociedades de castas, como se acreditou durante algum tempo, mas também nas sociedades de classes.

Referências Bibliográficas

1. Nicolau Leite, advogado e professor aposentado, é um dos maiores possuidores de informações históricas sobre Bom Despacho.
2. PINHEIRO, Cristina S.M., LINHARES, Ângela M. Anotações feitas para um trabalho de Sociologia do Curso de Comunicação Social da UFMG, 2º semestre 1977.
3. Cf. VOGT, Carlos A. et alii. Las lenguas secretas de Cafundó. *Punto de vista*, v.3, n.9, p.26-32, 1980.
4. CARVALHO, Félix de. *Falares crioulos do Brasil* (um tema em debate). Rio de Janeiro: Departamento de Letras da PUC/RJ, 1977. Dissertação de Mestrado.
5. Ibidem. p.72.
6. Ibidem. p.35.
7. Ibidem. p.35.
8. RAMOS, Arthur. *Introdução à Antropologia brasileira*. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1962. v.2, cap.9: A aculturação negra. p.136-53.
9. YAI, Olabiyi B. Aspectos particulares da influência de culturas nigerianas no Brasil em literatura, folclore e linguagem. *Cultura*, Brasília: MEC, v.6, n.23, p.94-100, out./dez. 1976.
10. RODRIGUES, Aryon D. *Levantamento e documentação da realidade lingüística do Nordeste urbano e rural*. Comunicação apresentada ao II Seminário de Estudos sobre o Nordeste. Salvador, ABRALIN, UFBA, 24-27 nov. 1975. pré-ed. mimeo.
11. SILVA, Rosa V.M. Aspectos do Contato Lingüístico no Brasil. *Universitas*, Salvador, UFBA, v.24, p.83-95, jan./fev./mar. 1979.
12. Cf., p. ex., CASTRO, Yeda P. de. Níveis sócio-lingüísticos da interação de influências africanas no português. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 3, 1978, Rio de Janeiro. *Conferências...* Rio de Janeiro: PUC/RJ, 1978.
13. GNERRE, Maurizio. O Corpus dos vissungos de São João da Chapada (MG). s.d. inédito. p.8.
14. Ibidem. p.6.
15. FRY, Peter et alii. Mafambura e Caxapura: na encruzilhada da identidade. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.119.
16. JESPERSEN, Otto. *Humanidad, nación, individuo* desde el punto de vista lingüístico. Buenos Aires: Revista de Occidente Argentina, 1947. Cap.10: Otras excentricidades de lenguaje. p.249. A tradução das citações desta obra é de minha responsabilidade.
17. Ibidem. p.244-7.

18. VENDRYES, J. *Le langage*. Paris, Albin Michel, 1950. Parte 4, cap.2: Dialectes et langues spéciales. p.293. A tradução das citações desta obra é de minha responsabilidade.
19. Ibidem. p.294.
20. Ibidem. p.293-4.
21. Falantes da LNC.
22. VENDRYES, op. cit. p.294.
23. Cf., p. ex., FRY, op. cit.
24. Apud CUVILLIER, Armand. *Sociologia da Cultura*. São Paulo: EDUSP, Porto Alegre: Globo, 1975. Cap.2: Sociologia da linguagem e da escrita. p.197.

*Extraído de minha dissertação de Mestrado, *A Língua do Negro da Costa: um remanescente africano em Bom Despacho (MG)*, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da UFMG em maio de 1985.